

“SER SEM-TERRINHA É BRINCAR, SORRIR, LUTAR!”: VOZES DA INFÂNCIA SEM-TERRINHA NO ASSENTAMENTO OSIEL ALVES (RN)

*Júlia Amélia de Sousa Sampaio Barros Leal de Oliveira**,
*Celiane Oliveira dos Santos***, *Samuel Penteado Urban****

RESUMO

Considerando a íntima relação existente entre a educação e a luta camponesa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, mais especificamente no que se refere ao seu caráter informal, do conhecimento nascido na luta, o presente relato de pesquisa busca externalizar as vozes das crianças sem-terra oriundas do assentamento Osiel Alves, dando destaque para a relação entre “brincar, sorrir, lutar” como parte da identidade sem-terrinha. Metodologicamente, a pesquisa tem a sua base nas conversas/entrevistas realizadas com oito crianças do assentamento, quatro meninas e quatro meninos, em idades diferentes, entre cinco e dez anos. Cabe destacar que a interação com as crianças ocorreu entre os meses de março e abril de 2019.

Palavras-chave: MST. Sem-terrinha. Pedagogia do movimento. Pesquisa com crianças.

*“TO BE LANDLESS IS TO PLAY, SMILE, FIGHT!”: VOICES OF CHILDHOOD
LANDLESS IN THE OSIEL ALVES SETTLEMENT (RN)*

ABSTRACT

Taking into account the existing relationship between education and the peasant struggle of the Landless Rural Workers Movement, more specifically with regard to the informal education, the knowledge born in the struggle, the present research

* Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: 0000-0002-0407-7385. Correio eletrônico: juliaamelia91@hotmail.com

** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Educação Infantil e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Economia Doméstica pela UFC. Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: 0000-0002-2278-3267. Correio eletrônico: celianeoliveira@uern.br

*** Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho e em Geografia pela UFSCar. Professor Adjunto no Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: 0000-0002-0037-5270. Correio eletrônico: samuelurban15@gmail.com

report seeks to externalize the voices of children landless from the Osiel Alvez settlement, highlighting the relationship between “playing, smiling, fighting” as part of the identity landless. Methodologically, the research is based in the conversations/interviews carried out with eight children of the settlement, four girls and four boys, in different ages, in the age group between five and ten years old. It should be noted that interaction with children occurred between the months of March and April 2019.

Keywords: MST. Landless children. Pedagogy of the movement. Research with children.

“SER SIN TIERRITA ES JUGAR, SONREÍR, LUCHAR!”: VOCES
INFANTILES SIN TIERRITA EN EL ASENTAMIENTO OSIEL ALVES (RN)

RESUMEN

Considerando la íntima relación entre la educación y la lucha campesina del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra, más específicamente en lo que se refiere a su carácter informal, del conocimiento nacido en la lucha, este informe de investigación busca exteriorizar las voces de los niños sin tierra de Osiel Alves. asentamiento, destacando la relación entre “jugar, sonreír, pelear” como parte de la identidad sin tierra. Metodológicamente, la investigación se basa en conversaciones/entrevistas realizadas con ocho niños del asentamiento, cuatro niñas y cuatro niños, de diferentes edades, entre cinco y diez años. Cabe destacar que la interacción con los niños tuvo lugar entre marzo y abril de 2019.

Palabras clave: MST. Niños sin tierra. Pedagogía del movimiento. Investigación con niños.

1 INTRODUÇÃO

O presente relato de pesquisa deriva de uma pesquisa participante realizada no Assentamento Osiel Alves¹. As duas autoras e o autor estão diretamente envolvidos com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN): a primeira autora é recém-licenciada em Pedagogia pela UERN; a segunda autora e o terceiro autor são docentes da mesma universidade.

Com base na vivência com as camponesas e os camponeses do assentamento Osiel Alves e de outros acampamentos/assentamentos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), foi possível perceber a forma como os adultos se relacionam com as crianças por meio das canções infantis no momento da ciranda, da liberdade da fala, do próprio olhar das crianças sobre elas mesmas e das brincadeiras.

¹ O presente texto foi elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso em Pedagogia da primeira autora.

Dessas imagens, impressões e enlases, nasceu o desejo de compreender as experiências infantis dos sem-terra enquanto espaço de infância, que se constrói e se produz culturalmente pelas próprias crianças.

É nessa perspectiva que se assenta o objetivo da presente reflexão: compreender a percepção da *infância* e do *ser criança* no contexto do Assentamento Osiel Alves², por meio dos olhares das crianças sem-terra. Para a fundamentação teórica, foram analisados os referenciais teóricos que tratam da infância e da relação entre a educação e os movimentos sociais.

Em relação à metodologia deste trabalho, optou-se por uma abordagem qualitativa, especificamente por uma pesquisa participante. Assim, a primeira autora teve inserção no campo, buscando uma horizontalidade com as crianças do assentamento, construindo dados em conversas com elas e as entrevistando acerca do que é ser sem-terra.

De forma mais detalhada, a interação com as crianças ocorreu entre os meses de março e abril de 2019. Para que isso ocorresse, foi necessário adentrar o assentamento sem os sapatos, com os pés na terra, no universo das especificidades infantis do Assentamento Osiel Alves, visando descobrir os modos de ver e ser criança. Logo, a referida autora viveu e sentiu de perto as singularidades deste contexto, adentrando o mato, cuidando dos animais, das plantações, brincando nas ruas de barro e aventurando-se nos imensos quintais com as crianças.

Desta forma, através da escuta sensível das vozes dessas crianças do campo mossorense, perceberam-se sentidos em relação aos modos de vida e relações sociais dentro do movimento, sobretudo no que se refere aos ideários de luta do MST. Isso implica considerar a criança como ator social, reconhecendo sua competência e autonomia, destacando-a enquanto sujeito do processo da presente pesquisa e não como um objeto a ser pesquisado.

Segundo Ferreira e Sarmiento (2008), dar visibilidade às vozes das crianças através de pesquisas auxilia na construção de uma imagem de criança competente, capaz de formular interpretações sobre os seus modos de vida e de revelar realidades sociais que ganham expressão na crescente importância das metodologias participativas. Para os referidos autores:

Trata-se de levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento, ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos; trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhes atribuem. (FERREI; SARMENTO, 2008, p. 79).

Os sujeitos da pesquisa são crianças, filhas e filhos dos assentados; um dos critérios de escolha dos sujeitos foi a vinculação da família ao MST³. Compuseram

² O assentamento fica localizado a 29 km do município de Mossoró, interior do estado do Rio Grande do Norte (situado no Oeste Potiguar), em uma comunidade rural denominada Eldorado dos Carajás II, mais conhecida como Maísa. Esta área é composta por 14 assentamentos, dentre estes, o Osiel Alves. Residem no assentamento 132 famílias legalmente assentadas.

³ De acordo com os dados fornecidos por uma das assentadas que organiza as reuniões mensais do movimento sem-terra, existem no assentamento 62 crianças vinculadas ao MST. Essas crianças são atendidas na organicidade das chamadas cirandas infantis

o estudo oito crianças, quatro meninas e quatro meninos, em idades diferentes, entre cinco e dez anos. Desse modo, houve um cuidado com as escolhas no que diz respeito ao gênero, para que fosse possível escutar as meninas e os meninos sobre as suas infâncias.

2 LUTA E INFÂNCIA NO MST

“Sem-terrinha” é uma identidade, ressaltando-se também que, “[...] desde pequenas, as crianças sem-terrinha aprendem que para vivenciar seus direitos é preciso lutar.” (ADRIANO, 2019, p. 2). O trabalho com os sem-terrinha se inicia com um processo de educação informal, o qual é nutrido por uma pedagogia própria do MST, a partir de uma sensibilidade social e da força do movimento:

Ser Sem-Terra é também mais do que lutar pela terra; Sem-Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como afirmação de uma condição social: sem-terra, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas como uma identidade de cultivo: Sem-Terra do MST! Isto fica ainda mais explícito na construção histórica da categoria crianças Sem-Terra, ou Sem-Terrinha, que não distinguindo filhos e filhas de famílias acampadas ou assentadas, projeta não uma condição, mas um sujeito social, um nome próprio a ser herdado e honrado. Esta identidade fica mais forte à medida que se materializa em um modo de vida, ou seja, que se constitui como cultura, e que projeta transformações no jeito de ser da sociedade atual e nos valores (ou antivalores) que a sustentam. (CALDART, 2001, p. 211).

Essa identidade está ligada ao processo de educação informal, que “[...] opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados. Os saberes adquiridos são absorvidos no processo de vivência e socialização pelos laços culturais e pela origem dos indivíduos.” (GOHN, 2010, p. 18).

Considera-se, então, o movimento social como sujeito pedagógico (CALDART, 2012). Sua pedagogia reconhece o coletivo infantil e defende a participação da criança em reuniões mensais nas cirandas infantis, que se expande para os encontros estaduais e nacionais. Segundo Gohn (2009, p. 18), diante do protagonismo das crianças sem-terrinha, tornam-se possíveis as práticas da “cidadania coletiva” e a formação da identidade coletiva, que se soma à luta do MST. Isso se explica, segundo Gohn (2009, p. 16), pelo fato de que a educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania, construindo-se “[...] no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo.”

De forma complementar, Caldart (2001, p. 214), afirma que

Um dos processos educativos fundamentais da participação dos sem-terra na luta está em seu enraizamento numa coletividade em movimento, que embora seja sua própria construção (os Sem-Terra são o MST), acaba se constituindo como uma referência de sentido que está além de cada Sem-Terra, ou mesmo além do seu conjunto,

e denominadas como *sem-terrinha*.

e que passa a ter um peso formador, ao meu ver decisivo, no processo de educação dos Sem-Terra. É a intencionalidade política e pedagógica do MST que garante o vínculo da luta imediata com o movimento da história.

Essa intencionalidade política tem como eixo central e característico a luta pela terra. Luta esta que traz consigo outras lutas, pois as próprias escolhas que as camponesas e os camponeses do MST fizeram “[...] historicamente sobre o jeito de conduzir sua luta específica (uma delas a de que a luta seria feita por famílias inteiras) acabaram levando o Movimento a desenvolver uma série de outras lutas sociais combinadas.” (CALDART, 2001, p. 208), com destaque para a educação, que se justifica, já que a luta é feita por famílias inteiras.

As crianças sempre estão presentes na luta pela terra, isto é, em ocupações, despejos e em demais atividades da luta. Elas são testemunhas e frutos do processo histórico da luta do movimento. E, nesse viés, o movimento social reconhece “[...] a criança como sujeito que tem direitos; desde bebê é alguém que merece ser respeitado na sua singularidade, que têm importância para a coletividade, pois é parte deste coletivo e, portanto, deve ter a oportunidade de se expressar e ser compreendido”. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA, 2004, p. 41-42). Desse modo, os adultos precisam

[...] escutar as crianças, considerá-las e respeitá-las como crianças, de fato e de direitos, e não as tratar como adultos em miniatura. As suas decisões precisam ser tão respeitadas quanto seria algum outro trabalho com os adultos. Imaginemos o quanto uma experiência como essa, coletiva, de participação, de desenvolvimento marca profundamente a vida e a experiência na infância, experiência essa que será sempre selada nos corpos, ainda pequenos fisicamente, mas que carregarão em si tantas histórias que sinalizam o perfil de mulheres e homens que queremos de fato construir. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA, 1999, p. 25).

Assim, o MST aponta para a importância e o reconhecimento da criança como sujeito histórico e de direito, no sentido de valorizar a sua participação, que se materializa nos encontros nacionais e regionais dos sem-terrinhos, nas cirandas infantis, etc.

A participação das crianças na organicidade do movimento possibilita que elas entendam a história de luta de seu povo, apropriando-se dos elementos históricos para a compreensão da realidade.

3 OS SEM-TERRINHOS NO ASSENTAMENTO OSIEL ALVES

Nesta seção será apresentado o olhar das crianças sem-terrinhos, mostrando aspectos de uma infância vinculada ao movimento social MST, em especial, da infância ligada ao Assentamento Osiel Alves, em Mossoró (RN).

Desse modo, é possível entender que a construção desse espaço, onde as crianças vão conquistando o seu lugar dentro da organização do Movimento, é resultado de muitas determinações e das condições objetivas do próprio MST enquanto movimento que luta pela Reforma Agrária. É preciso pontuar, no entanto,

que no MST há um objetivo mais amplo, que é a emancipação humana e um novo projeto de sociedade.

Com base no que foi discutido anteriormente acerca dos sem-terrinhos e complementando com os dados construídos na pesquisa empírica, por meio da observação participante e entrevistas, foi possível observar que as crianças do assentamento sempre expressavam, em seus diálogos, os sentidos de ser criança sem-terrinha: "Brincar, sorrir, lutar!".

As brincadeiras e a natureza são elementos imbricados no cotidiano dos sem-terrinhos e estão presentes na formação sociocultural das crianças em várias dimensões: pela utilização de elementos naturais no brincar, pela forma que exploram os espaços geográficos, nas andanças dentro do mato, na colheita das frutas e na presença diária no quintal. Vale destacar, então, que todas essas situações constituem espaços de interlocuções e vivências de brincadeiras.

Os meninos e as meninas brincam na rua de terra batida, na lama, nos matos e nas árvores; brincam de colher fruta, andar de bicicleta, catar capim na horta; recolhem os animais, cuidam dos bebês, amarram os jumentos no pasto; correm com os cachorros, jogam bola, compram na venda e caçam. Nas perspectivas das crianças, brincar é a atividade preferida delas, conforme mostra o fragmento da entrevista a seguir:

Pesquisadora: Era uma vez, um assentamento que se chamava...
Amélia Osiel Alves.
Pesquisadora: É esse nome mesmo o assentamento?
Bento: Osiel Alves...
Pesquisadora: Nesse assentamento moravam crianças de muitas idades...
Bento: Benjamin, Ana flor . . .
Pesquisadora: Muito bem. Nesse lugar havia muitas coisas, tinha grandes quintais, pés de cajaranas, maxixes e muitos pés de feijões. Lá também tinham animais por toda parte e muita terra. Veja só. As crianças que moravam no assentamento faziam muitas coisas lá. E o que elas mais gostavam de fazer?
Todos: Brincar!
Pesquisadora: Brincar de que?
Bento: De tudo! Esconde-esconde, pular corda, tica, tica trepa.
Pesquisadora: E você, S, gosta mais de fazer o quê?
Benjamin: De papel e tesoura.
Bento: De correr no mato e de se atrepar.
Benjamin: Correr no meio da rua
Amélia: Gosto de brincar de correr na rua, conversar na calçada.
Ana Flor: Eu gosto de brincar de bola e correr com os cachorros.
(ENTREVISTA, Grupo I, 23 abr. 2019).

As falas das crianças apresentam formas de brincar que resistem às adversidades e emergem no cotidiano do assentamento. Para Brougère (2008, p. 99), "[...] a brincadeira é uma mutação do sentido da realidade: as coisas tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pelas circunstâncias." A brincadeira alarga as fronteiras entre a fantasia e a realidade, colaborando significativamente na construção da identidade das crianças. Na qualidade de sujeito social, a criança não está só brincando, ela não está só fantasiando, mas trabalhando as suas contradições, ambiguidades e valores sociais. Para Borba (2007, p. 38),

É importante enfatizar que o modo próprio de comunicar do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transitem entre os planos da imaginação e da fantasia, explorando suas contradições e possibilidades.

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento humano, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados sobre si e sobre o mundo. O brincar possibilita inúmeras aprendizagens e se configura como um espaço significativo de produção de culturas infantis.

Considerando o fato de que o brincar, o lutar e o aprendizado acerca da cultura camponesa caminham juntos, mais especificamente no que se refere ao trabalho nas atividades cotidianas, Ana Flor afirma que “Ser uma criança sem-terrinha é não viver presa dentro de casa, a gente tem liberdade de brincar do lado de fora, pra poder subir nas plantas e cuidar dos porcos.” (ANA FLOR, 9 anos, entrevista, Mossoró, 24 mar. 2019).

Observa-se, assim, o resultado da educação informal camponesa em que a criança aprende com a sua família sobre o trabalho no meio rural. Nas palavras de Ribeiro (2010), esse é um trabalho que assume uma dimensão educativa, ou seja, observa-se aqui o trabalho como princípio educativo (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012).

O relato de Bento demonstra a relação entre cultura camponesa em consonância com a identidade da luta pela terra: “É, a gente anda de cavalo, caça tejo, corre na rua, brinca na ciranda, luta pela terra, planta na terra, a gente faz muitas coisas aqui.” (BENTO, 5 anos, entrevista, Mossoró, 24 mar. 2019).

Nesse sentido, é importante destacar que “A violência histórica e estrutural do capital, agora exponenciada em seu apogeu imperialista, segue encontrando o parapeito camponês, que resiste, criando e recriando-se culturalmente.” (TARDIN, 2012, p. 185).

Dito isso, pode-se dizer que o trabalho no campo e a luta pela reforma agrária caminham de forma conjunta, ou seja:

A luta pela reforma agrária, em popular consonância com o trabalho camponês, liga-se à crítica à ordem burguesa no âmbito do seu modo de produção - relações sociais e com a natureza - vai levá-lo a formular diretrizes e ações que, sob a orientação científica da agroecologia, como fundadora de uma práxis comprometida com a “reconstrução ecológica da agricultura”, priorizam a soberania alimentar. (TARDIN, 2012, p. 185).

Ainda sobre a luta pela terra, sem deixar de lado os pontos citados há pouco, Amélia apresenta seu protagonismo como sem-terrinha, manifestado no primeiro Encontro Nacional dos Sem-Terrinha, que aconteceu em Brasília, no ano de 2018 (entre 23 e 26 de julho), onde cerca de 1.200 crianças se reuniram durante quatro dias (TATEMOTO, 2018):

Olha, a gente viaja, participa dos encontros regionais e nacionais, como teve no ano passado em Brasília; a gente foi de ônibus, passamos vários dias na estrada; a gente conversa sobre a luta dos nossos pais, faz plenárias, brinca, canta, dança na ciranda, conhece outros sem-

-terrinhã de outros lugares, é muito legal. (AMÉLIA, 10 anos, entrevista, Mossoró, 24 mar. 2019).

Nessa mesma perspectiva, Benício apresenta a sua voz sobre a relação entre cultura camponesa, luta pela terra e protagonismo das crianças do MST, com destaque para a sua experiência no primeiro Encontro Nacional de Sem-Terrinhã:

O que eu mais gosto é de cantar as músicas do caderno que a gente ganhou em Brasília no Encontro Nacional dos Sem-Terrinhã, eu lembro que a tia falou que nele tinha muita música, brincadeira e força pra gente lutar e muita coisa pra gente aprender também. Ser sem-terrinhã é bom demais, a gente brinca, ajuda o pai, sai por aí nos matos, bota os jumentos pra dentro da cerca. (BENÍCIO, 9 anos, entrevista, Mossoró, 24 mar. 2019).

As falas das crianças apontam para um detalhe muito peculiar de uma infância que é ligada ao movimento social. Elas se reconhecem como sujeitos de direito, participantes de lutas. Desta forma, apoiados nas vozes das crianças, constatamos que elas brincam, refletem, aprendem e dialogam sobre as questões de suas próprias existências e sobre as condições do contexto em que vivem.

Nesse sentido, ressaltamos as contribuições Willian Corsaro (2011, p. 36):

O que vemos aqui é que as crianças, à medida que se tornam parte de suas culturas, têm ampla liberdade interpretativa para dar sentido aos seus lugares no mundo. Assim, praticamente qualquer interação na rotina diária é propícia para que as crianças aperfeiçoem e ampliem seus conhecimentos e competências culturais em desenvolvimento.

De forma geral, a criança sem-terrinhã é considerada como sujeito de direito, com valores, imaginação, fantasia e personalidade em formação. A esse processo, vinculam-se as vivências relacionadas com a criatividade, sem deixar a luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária e as mudanças sociais (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA, 2004, p. 37).

As crianças, ao participarem das experiências de luta e mobilizações, vão se identificando com as simbologias do Movimento, como as bandeiras, as músicas e as formas de mobilização.

Aprendem, também, os gritos de ordem das crianças do MST, as músicas dos CDs infantis produzidos pelo Movimento. Além disso, participam de diversos encontros dos sem-terrinhã, regionais ou estaduais. Em alguns momentos da pesquisa, as crianças demonstraram interesse em partilhar os materiais, as bandeiras e os cadernos das canções, inclusive pediram para cantar. Como mostra a entrevista a seguir:

Benjamin: A gente pode cantar uma música pra você?

Pesquisadora: Claro, eu vou amar escutar vocês.

Bento: Vamos ali pegar o caderninho das músicas dos sem-terrinhã.

Ana Flor: É o que eu mais gosto é cantar essas músicas.

Amélia: A minha preferida é o hino dos sem-terrinhã.

Benício: Eita, eu também gosto.

Ana Flor: O bom é quando a gente viaja.

Açucena: Sim, eu adoro andar de ônibus.
Todos: Nossa força resgatada pela chama da esperança no triunfo que virá,
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária e camponesa.
Nossa estrela enfim triunfará!
Vem, lutemos, punho erguido.
Nossa força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte,
construída pelo poder popular.
Todos: Viva os sem-terrinhos, sem-terrinhos é pra lutar!
Pesquisadora: Que coisa mais linda ver vocês assim.
(ENTREVISTA, Mossoró, 24 mar. 2019).

É importante destacar que, durante o período de realização da pesquisa de campo, foi demonstrado pelas crianças e familiares certo desapontamento devido ao fato de não poderem mais ir aos encontros estaduais dos sem-terrinhos, que geralmente acontecem duas vezes ao ano, na cidade de Angicos (RN). Isso está acontecendo por falta de verba para custear todas as despesas no evento, como alimentação, aluguel de ônibus e hospedagem.

A fala de Amélia, 10 anos, ilustra a percepção da criança sobre esse fato: “Minha mãe fala que é esse governo que tá cortando tudo, esse governo não é bom não, viu? Porque, se fosse, respeitava nossa organização. Aquele lá parece que nem gosta da gente, não sei por que, não fazemos nada de errado, nadinha a não ser lutar pelos que temos direito.” (AMÉLIA, 10 anos, entrevista, Mossoró, 26 mar. 2019).

Logo, a criança atua a partir desta expressão como ser social de sua própria história, com capacidade de produzir culturas específicas e sentidos pessoais para a sua existência, ou seja, uma forma particular de apreensão de mundo e de construção do conhecimento.

Para Delgado e Müller (2005, p. 173-174), constata-se que “[...] as culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas as crianças fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.”

Neste ponto de vista, os saberes produzidos pelas crianças têm capacidade de gerar processos de referenciação e significação própria. Assim, por estes e por outros exemplos, podemos perceber que a organicidade do MST respeita o tempo da infância, possibilitando às crianças espaços de reflexão e construção de conhecimentos. A criança do MST está vinculada à sua comunidade, tendo o direito de conhecer todos os seus processos e neles contribuir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, destacamos a importância do ponto de vista das crianças sem-terrinhos sobre os assuntos que lhes dizem respeito, pois elas trazem elementos significativos à compreensão de suas experiências. A partir dessa consideração, ressaltamos, também, que o estudo evidencia questões acerca dos caminhos metodológicos adotados na pesquisa participante, quando o que se pretende é aprender o ponto de vista das crianças.

Os resultados desta pesquisa somam-se ao que outros autores têm apontado: a importância da escuta das crianças como instrumento para repensá-las, a partir de suas próprias perspectivas, destacando a brincadeira como direito e fonte essencial de aprendizagem e desenvolvimento.

O MST adota uma perspectiva da criança como protagonista social, sujeito histórico e de direitos. De testemunhas das lutas, marchas e ocupações, as crianças passaram, também, à construção das lutas de seu povo, consolidando a sua identidade como sem-terrinha. Nesse sentido, as vozes das crianças revelam os seus modos de vida, preocupações e certa clareza das dimensões que envolvem as lutas dentro do Movimento.

Trata-se de “conhecimentos-na-luta” (SANTOS, 2019, p. 123), ou seja, “[...] do conhecimento que circula no âmbito da luta ou que é gerado pela própria luta.” (SANTOS, 2019, p. 19), destacando-se pelo processo de educação informal.

Observamos também como as crianças percebem as suas infâncias nos espaços que ocupam, como as constroem e as vivem no assentamento. No espaço da natureza, encontramos crianças que destacaram, a partir de suas falas, as relações que possuem com a terra e o brincar, demonstrando que há um potente encontro de sentidos entre essas dimensões.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, J. Sem-terrinhas na construção do Movimento. *MST.org*, [S. l.], 21 fev. 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/02/21/sem-terrinhas-na-construcao-do-movimento/>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org). *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: MEC/SEB, 2007. p. 33-44.
- BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 207-224, set./dez. 2001. DOI: 10.1590/S0103-40142001000300016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/C8CTZbGZp5t8tH7Mh8gK68y/?lang=pt>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem-Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005. DOI: 10.1590/S0100-15742005000200009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/x7QkpNjrW8CLhJCDSRymKnC/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- FERREIRA, M.; SARMENTO, M. J. Subjectividade e bem-estar das crianças: (in)visibilidade e voz. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 2, n. 2, p.

- 60-91, nov. 2008. DOI: 10.14244/1982719919. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/19>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Trabalho como princípio educativo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G.(org.). *Dicionário da educação do campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 750-757.
- GOHN, M. G. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, M. G. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA. Como fazemos a escola de educação fundamental. *Caderno de Educação: MST*, São Paulo, n. 9, 1999.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA. Educação infantil: movimento da vida, dança do aprender. *Caderno de Educação: MST*, São Paulo, n. 12, 2004.
- RIBEIRO, M. *Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- TARDIN, J. M. Cultura camponesa. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G.(org.). *Dicionário da educação do campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 180-188.
- TATEMOTO, R. Encontro nacional de Sem Terrinhas uniu diversão, aprendizado e mobilização. *Brasil de Fato*, Brasília, DF, 27 jul. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/27/encontro-nacional-de-sem-terrinhas-uniu-diversao-aprendizado-e-mobilizacao>. Acesso em: 3 jul. 2021.

Recebido em: 12 mar. 2021

Aceito em: 12 maio 2021

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Sandro Vasconcellos

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Versão digital

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza - Ceará
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br